
4.1 As Sínteses por Categoria

Até então ocupamo-nos em discorrer sobre a fase inicial da análise urbanística apreciando a organização metódica do conteúdo específico urbano-ambiental numa estrutura temática. Debruçamo-nos sobre cada tema, observamos aspectos significativos que explicam sua inclusão como categoria de análise e, por fim, demos abertura à sua aplicação em territórios distintos ressaltando singularidades apontadas pelas sínteses temáticas de cada um dos assentamentos. Decerto, nos defrontamos com um processo de síntese – síntese de partes ou fragmentos - um oxímoro, aparentemente – em que foi decomposta a totalidade espacial para efeito de análise – as sínteses temáticas. Um primeiro movimento de aproximação, todavia não acabado porque, como afirma Gregotti (1994:25), “os dados que analisamos adquirem sentido somente a partir de sua conexão... de sua re-elaboração crítica”. Neste capítulo vamos percorrer o caminho cujo ponto de partida é as sínteses temáticas e o cume é a síntese dimensional urbanística – a síntese das sínteses.

Compilando o verbete *síntese* em Aurélio¹ o emprego do termo neste caso assume o sentido de composição, fusão, determinação de proposições compostas com base em proposições mais simples, uma proposição nova que retém o que elas têm de legítimo e as combina mediante a introdução de um ponto de vista superior.

De Lalande (1999:1030) em seu Vocabulário uma das fontes de Aurélio, retiramos a seguinte observação do autor complementada pela citação de Condillac:

A síntese e a análise podem ser referidas uma à outra, quer na sua oposição como operações contrárias, quer na sua conexão como operações inversas e complementares,

¹ Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa - 1999

constituindo em conjunto o raciocínio demonstrativo: “Supõe-se que o que é próprio da síntese é compor as nossas idéias e o que é próprio da análise é decompô-las(...). Mas, quer se raciocine bem ou mal, é necessariamente preciso que o espírito suba e desça alternativamente. É-lhe essencial tanto compor como decompor, porque uma seqüência de raciocínios só pode ser uma seqüência de composições e de decomposições; compete, pois, à síntese tanto decompor como compor, e compete à análise tanto compor como decompor.” (Lógica, livro II, cap. VI)

Mais adiante, no mesmo tópico de observações sobre o sentido do termo, Lalande acrescenta um bem-humorado comentário de Condillac sobre a paridade entre o processo de análise e o de síntese: “Em que é que diferem os dois métodos? No fato de a análise começar sempre bem, e a síntese começar sempre mal.”

Com razão, é no tópico da síntese que se aferra a questão: como fazer a transição da análise para a síntese? Que ponto de vista superior seria capaz de combinar e fundir atributos espaciais reconhecidos pela análise numa proposição nova, num patamar de conhecimento que transcenda e reorganize o anterior? Que mecanismos metodológicos, artifícios ou mesmo artimanhas constituirão essa ponte pendular?

A metodologia objeto desta investigação formula algumas respostas para as questões acima colocadas.

O ponto central para superar o enigma é encontrar uma *linguagem* para o processo de síntese.

Convidado pelo próprio autor² para prefaciar seu décimo romance - Fogo Morto, Otto Maria Carpeaux inicia a interpretação da obra com a seguinte digressão:

“Os fatos não se percebem; só pelo lado problemático se tornam visíveis. Do mesmo modo a plenitude da vida orgânica dentro do nosso corpo, trabalho

² José Lins do Rego - 1943

complicadíssimo e incessante dos seus órgãos passa-nos, felizmente, despercebido, continua espontaneamente sem tomarmos conhecimento disso, e só quando aquelas complicações se tornam irregulares, quando um órgão ou todo organismo adoece, só então ficamos conscientes do nosso estado corporal, como os filhos mais expostos e perdidos da Criação: o fato transformou-se em problema.”

Que conclui com a seguinte sentença: “Os fatos contam-se; os problemas interpretam-se.” Problematizar a realidade a partir dos fatos é uma das chaves de que se vale a *linguagem* praticada na metodologia. Carlos Matus (1996) já utiliza esse mecanismo no seu método Planejamento Estratégico Situacional – PES. Para Matus, (1996:35) o conceito de problema “é um conceito muito prático, reclamado pela própria realidade, que faz o planejamento aterrizar.” A interpretação da realidade pela identificação dos problemas corresponde a localizar alvos ou focos para as ações. A dificuldade consiste apenas em não confundi-los com causas, conseqüências, temas problemáticos, objetivos ou metas. O problema é o fenômeno que afeta os atores sociais negativamente e sua potência como mecanismo torna-se plena quando é descrito apropriadamente, momento em que deixa de significar apenas um “mal-estar impreciso” (Matus,1997). No entanto, a configuração final de um problema no plano territorial requer ainda a expressão de sua magnitude e sua localização espacial. Ora, a simples observação dos mapas que retratam as sínteses temáticas de Paraisópolis e do *Sector Casa* denota que os problemas além de se manifestarem no território, acumulam-se e sobrepõem-se em suas frações. Ademais, a magnitude não é um denominador capaz de estabelecer isoladamente a hierarquia entre os fenômenos. É necessário reconhecê-los pela natureza do impacto que provocam sobre o ambiente e sua população. Surge dessas observações a segunda chave ou artifício metodológico utilizado: a eleição de categorias que simultaneamente

expliquem a natureza e o tipo de impacto dos problemas e, de forma análoga, organize sua representação espacial hierarquizada.

Da atenta e prolongada observação dos fenômenos ou problemas que se abatem sobre os territórios da exclusão, emergiram três categorias passíveis de absorver e classificar as situações problema:

Risco e Insalubridade:

Risco ³ - ameaça permanente ou circunstancial à integridade física de pessoas e bens materiais ou a recursos do meio ambiente.

Insalubridade ⁴ - o que origina, propaga ou cronifica enfermidades ou agravo à saúde dos indivíduos e da coletividade.

Degradação e Isolamento:

Degradação ⁵ - privação de graus, deterioração e desgaste em relação a grupos, indivíduos, recursos urbanos, ambientais e fiscais.

Isolamento ⁶ - separação, segregação, confinamento, falta de integração de locais, indivíduos e/ ou grupos.

Transtorno e Conflito:

O que altera ou perturba a ordem das funções ou manifesta oposição ou luta entre diferentes forças.

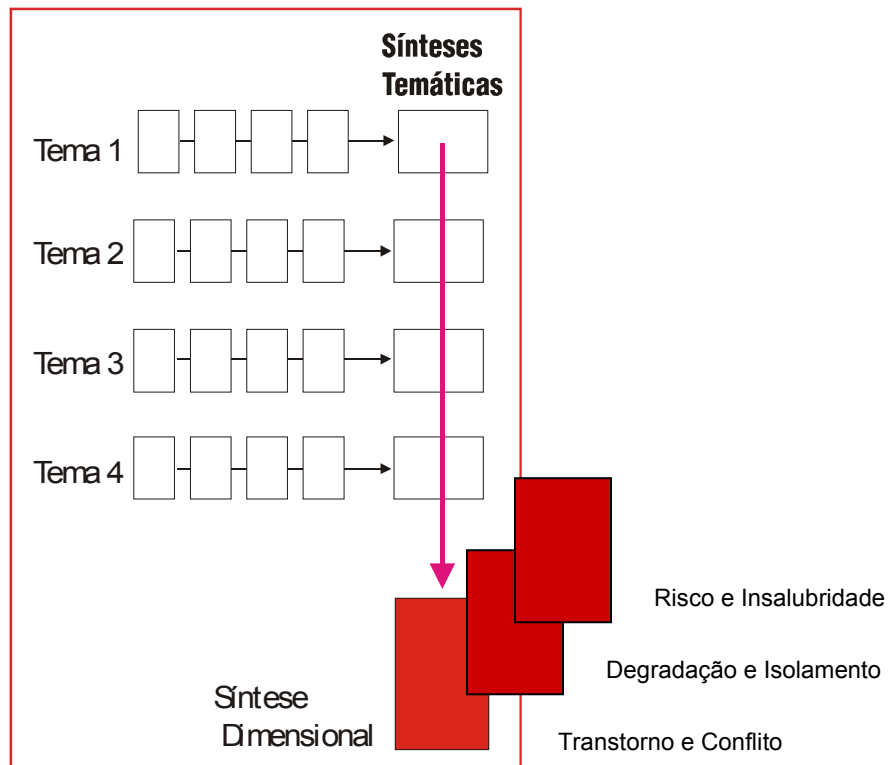
As categorias é um recurso decisivo para a síntese espacial já que, cada uma das três funciona como um filtro através do qual se absorve graficamente, por contraposição e re-leitura, os problemas expressos nas sínteses temáticas, dando origem a três mapas síntese, um para cada categoria. O diagrama a seguir representa a lógica do sistema.

³ Verbete Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa - 1999

⁴ Verbete Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa - 1999

⁵ Verbete Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa - 1999

⁶ Verbete Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa - 1999



Fonte; Autor, 1999

As categorias de problemas denotam algumas particularidades. A primeira tem prevalência sobre a segunda e a terceira, quando a situação problema apresenta superposta, além dela, características de Degradação e Isolamento ou de Transtorno e Conflito. Tanto na primeira como na segunda os problemas, na sua maioria, têm permanência no espaço e tendem a expandir-se em dois sentidos – o da extensão e o do agravamento, quando não tratados.

Os de Degradação e Isolamento evoluem gradualmente para situações de Risco e Insalubridade. Já as situações de Transtorno e Conflito expressam movimentos e fluxos que se repetem, ou seja, são episódicos ou ocasionais. A projeção dos problemas por categoria no território é, nitidamente, uma forma de hierarquizar-los. Sobre a base cartográfica é possível aferir sua magnitude espacial e, com o concurso de dados complementares, pode-se calcular o conjunto de famílias, indivíduos ou grupos submetidos aos fenômenos. Cobrem-se, em alguma medida, as lacunas apontadas por Telles, fixando um conjunto de referências, descritas, medidas e figuradas, “que torna visível a

distância entre a promessa igualitária acenada pela lei e a realidade do mundo social, e permite que essa distância seja nomeada como problema que exige julgamento e deliberação política (2004:73).”

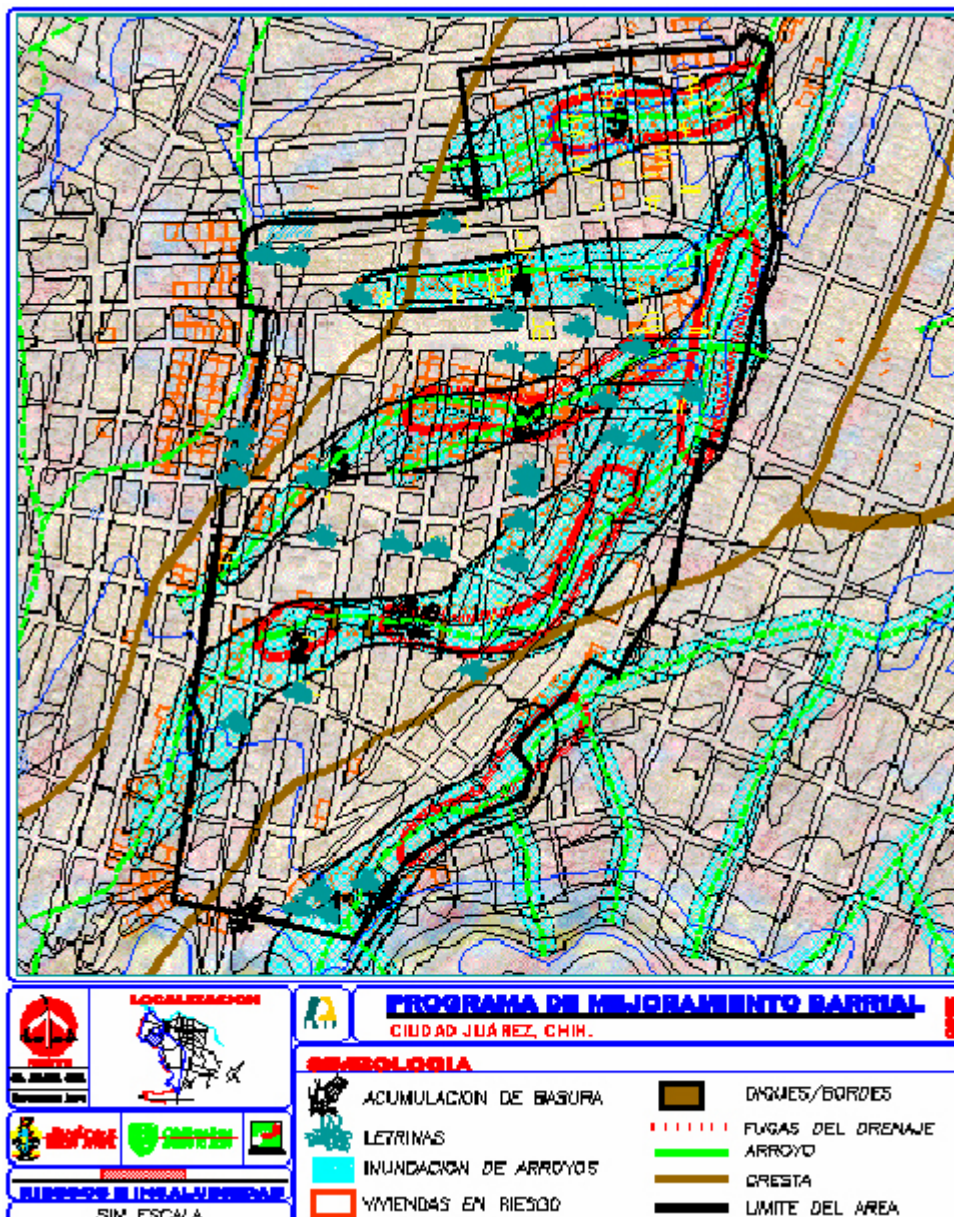
Cabe agora ilustrar o processo de síntese dando atenção aos casos de Paraisópolis e *Sector Casa*.

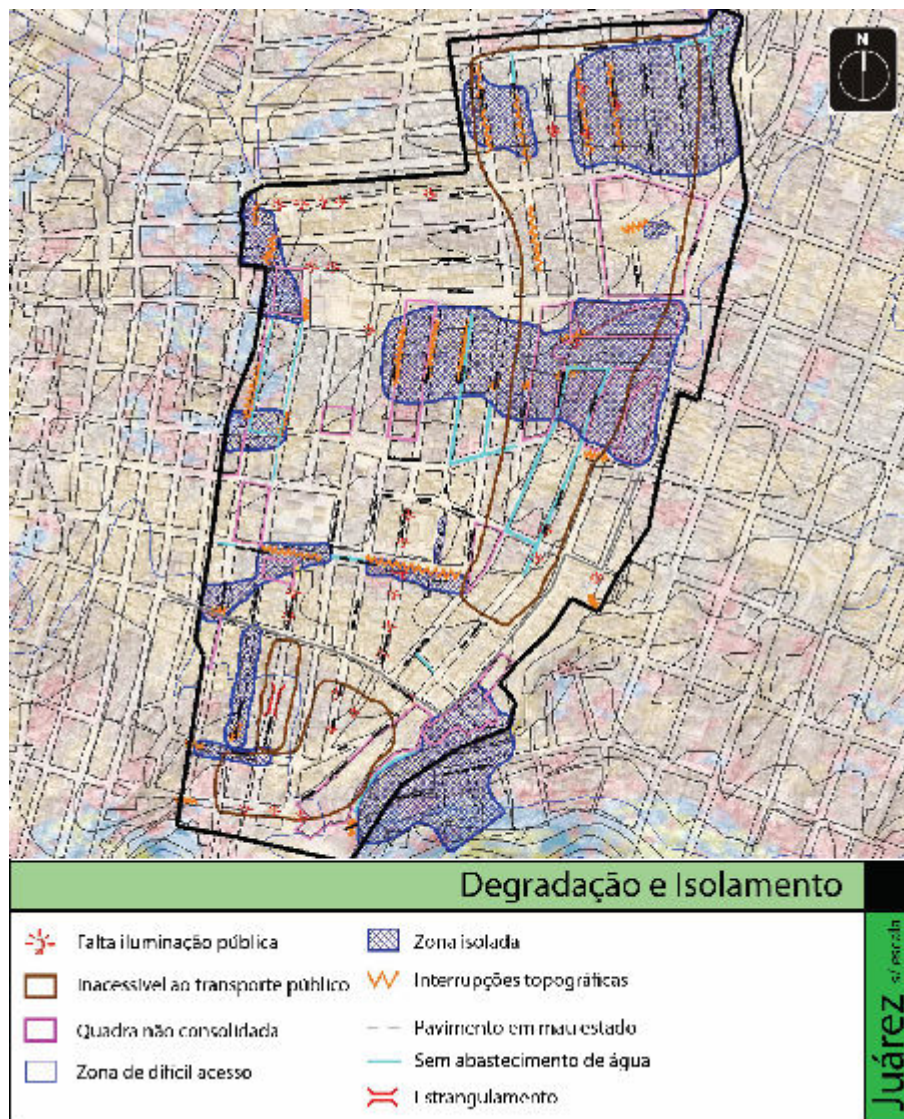
Em ambos, a síntese se expressa através de um Mapa Síntese e Quadro de Problemas por categoria. Operacionalmente, o processo se inicia pela preparação de bases cartográficas transparentes e virgens de informações: uma de Risco e Insalubridade; outra para Degradação e Isolamento e, mais uma para Transtorno e Conflito. A superposição de cada uma delas aos mapas temáticos e ainda ao mapa síntese das oficinas de diagnóstico, um por vez, dá oportunidade à equipe de realizar uma filtragem gráfica e analítica que transporta para os mapas base, as situações problema correspondentes à categoria de problema que está em foco, dando origem assim aos três Mapas Síntese, a partir dos quais, são elaborados os Quadros de Problema correspondentes. Em cada quadro aparecem nomeados, mensurados e descritos, com rigor, os problemas, além da indicação das fontes.

No entanto, o exercício não se encontra completo. Mesmo nos assentamentos precários, problemas convivem lado a lado com potencialidades e estas significam, muitas vezes, importantes recursos a manipular nas intervenções de urbanização. Dessa forma, as potencialidades devem ter destaque na análise urbanística. As potencialidades podem ser definidas como forças ou poderes locais subjacentes à própria configuração espacial ou ainda, anunciadas na forma como esta última é apropriada pelos usuários, capazes de produzir ou acomodar mudanças, se reforçadas, estruturadas ou organizadas. Em geral, aparecem em menor vulto e, dificilmente, são percebidas pela população que, tem o cotidiano permanentemente flagelado pelos problemas. Normalmente, tais recursos são incorporados por adaptação da estrutura existente e ou pela renovação e estruturação de usos, quando não cumpre o papel de propagar novas necessidades. Potencialidades constituem o último passo da síntese e também é retratada em quadro e mapa específicos.

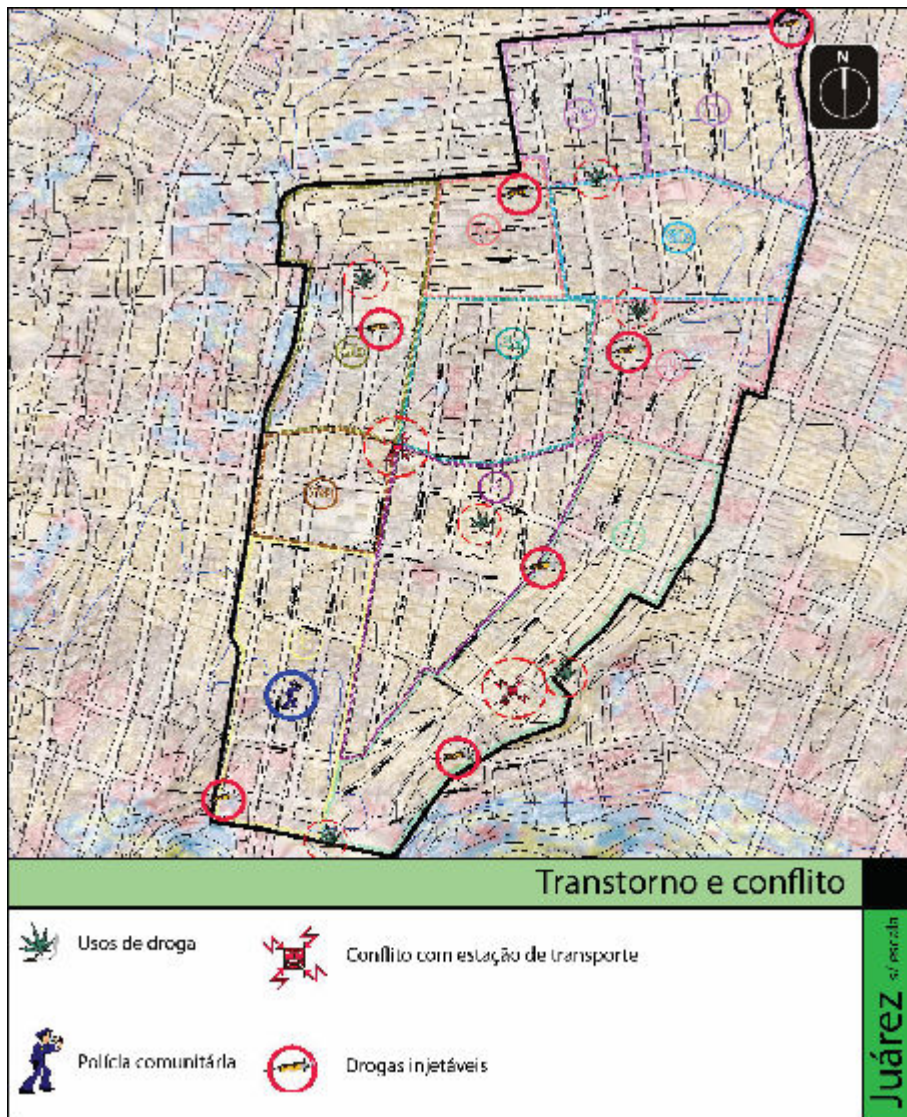
Para finalizar, a observação comparativa das sínteses da favela e do loteamento enseja alguns destaques: na primeira, os problemas das diferentes categorias projetam-se sobre quase todo o território; no Sector Casa, os problemas se encontram mais concentrados na zona de influência dos arroios; as potencialidades, neste último, estão relacionadas com a existência de espaços livres para um futuro uso de lazer; em Paraisópolis, o uso de lazer não encontra espaço disponível na atual estrutura e as potencialidades dizem respeito à viva atividade comercial exercida na área.

Os Mapas Síntese do Sector Casa vêm representados a seguir:





Fonte: IMIP – Instituto Municipal de Investigación y Planeación. 2000.
Sem escala.



Fonte: IMIP – Instituto Municipal de Investigación y Planeación. 2000.
Sem escala.

No diagnóstico da favela Paraisópolis, realizado três anos depois, o processo de síntese teve uma evolução significativa em relação ao utilizado no *Sector Casa*. Ficou melhor definida a indicação de diretrizes de intervenção, como descreveremos no próximo tópico.

Os Quadros Síntese são os anexos 1, 2 e 3. A seguir, Mapas Síntese de Risco e Insalubridade, Degradação e Isolamento, Transtorno e Conflito e Potencialidades da favela Paraisópolis.